

FAUSTO ANTONIO

PATUÁ DE PALAVRAS, O (IN)VERSO NEGRO



Galileu Edições

FAUSTO ANTONIO

**PATUÁ DE PALAVRAS,
O (IN)VERSO NEGRO**

Galileu Edições

Londrina, 2019

Apresentação

Patuá de palavras, o (in)verso negro

Patuá de palavras, o inverso negro, é, como projeto inicial, uma exposição de poemas visuais, concretos, objetos falados ou vocalizados. O objetivo central da mostra, agora veiculada no suporte livro, é encruzilhar as criações poéticas no espaço e, ao mesmo tempo, possibilitar, no que tange à recepção, o contato com a concretude e inseparabilidade do poema da sua estrutura, que deixa de ser suporte para ser parte integrante do objeto estético.

A partir das palavras patualizadas, os poemas; como uma totalidade, recuperarão ou atualizarão conceitos, formas, estruturas e dimensões faladas e/ou oralizadas. A exposição, igualmente o livro; em parte catálogo, dialogará com construções poéticas estabilizadas pelo sistema cultural negro-brasileiro e pela minha produção literária. As estabilizações farão referência ou reverência à literatura negro-brasileira, especialmente no que concerne à autoria e à recepção e/ou co-autoria.

A exposição será organizada ou montada na estrutura de dois poemas objetos de dimensões espetaculares e/ou gigantes, que permitirão o contato direto com a materialidade da poesia concreta. No livro, respeitando o suporte, os poemas comporão um dos módulos ou parte do trabalho literário. Os poemas em questão, Si Ori e Cruz-Creta, serão portais ou canais pelos quais a exposição permitirá o acesso à imagem do suporte e da mensagem; veículo exusístico, semântico e concreto simultaneamente. No livro, os referidos poemas terão o papel de recuperar a dimensão objetal dada por palavras patualizadas.

A montagem da exposição e a construção dos poemas serão frutos de uma oficina, que terá a dupla função de refinamento teórico-conceitual e de confecção dos patuás de palavras. A edição aqui apresentada, nos limites do livro, recuperará os exercícios visuais elaborados especificamente para a exposição.

Os poemas, concebidos como estruturas e adequados às leituras interventivas e visuais, deslocarão as interpretações do nexosujeito-verbo –complemento para o eixo e nexos espacial, visual e objetual. Os poemas são imagens, ações, número ou geometrização e corpo-pensamento.

A montagem no suporte livro e galeria, considerando o nexos objetual e oral, apresentará poemas estandartes, máscaras, cortejos, cortinas, sonetos estruturais e esculturais, pichações, grafites, vocalizações e sonorizações.

À guisa de complementar o lugar da oficina de confecção e de teorização, vale dizer que a intenção; de um lado, é didática e, no seu escopo, traz principalmente a necessidade de formação e de troca entre gerações e artistas com experiências distintas e pluviversais; o que valoriza muito o processo de produção dos poemas atualizados e igualmente da montagem em si da exposição e livro.

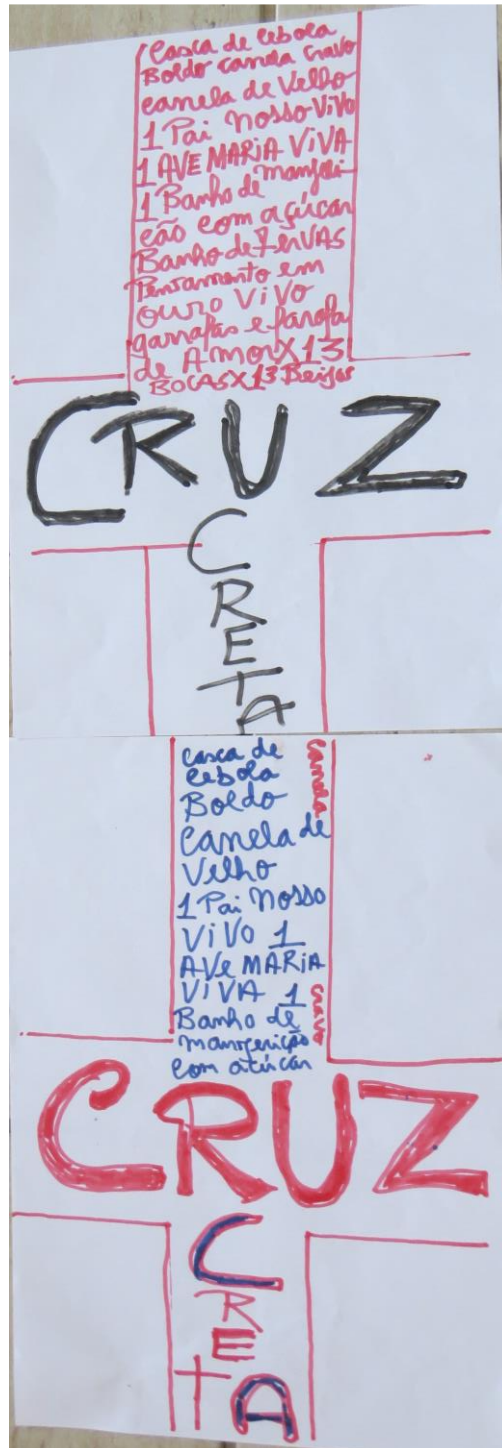
Por outro lado, o processo permitirá a busca e a troca individual e coletiva, no caso da confecção dos poemas concebidos, encruzilhadas com sentidos ou noções transitivas de patuás. Em outras palavras, Patuá de palavras, o (in)verso negro, é ressonância de enunciações, não é demais negritar, profundamente entrelaçadas com a cosmogonia negro-brasileira.

Fausto Antonio

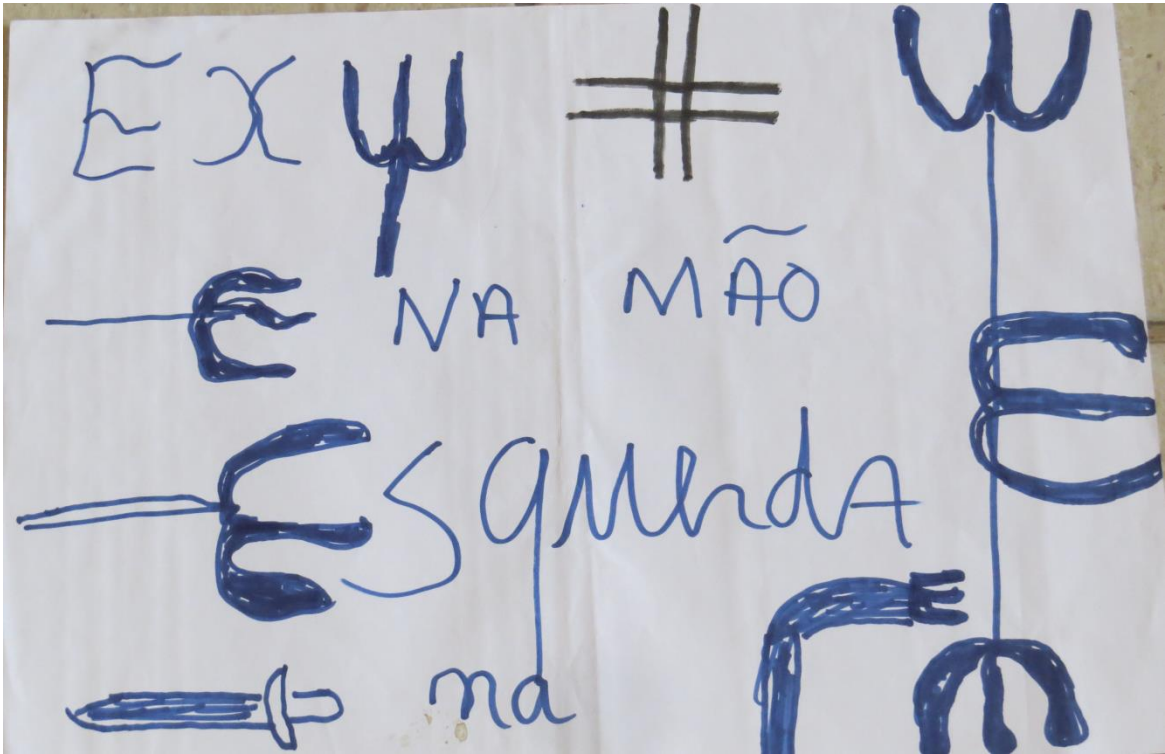
A exposição e o livro terão quatro módulos integrados e complementares.

O primeiro módulo será ocupado pelo poema Cruz-Creta, que percorrerá a totalidade do espaço expositivo; o poema será transitado pela recepção. Conforme o texto de apresentação, em epígrafe, trata-se de um poema cortejo.

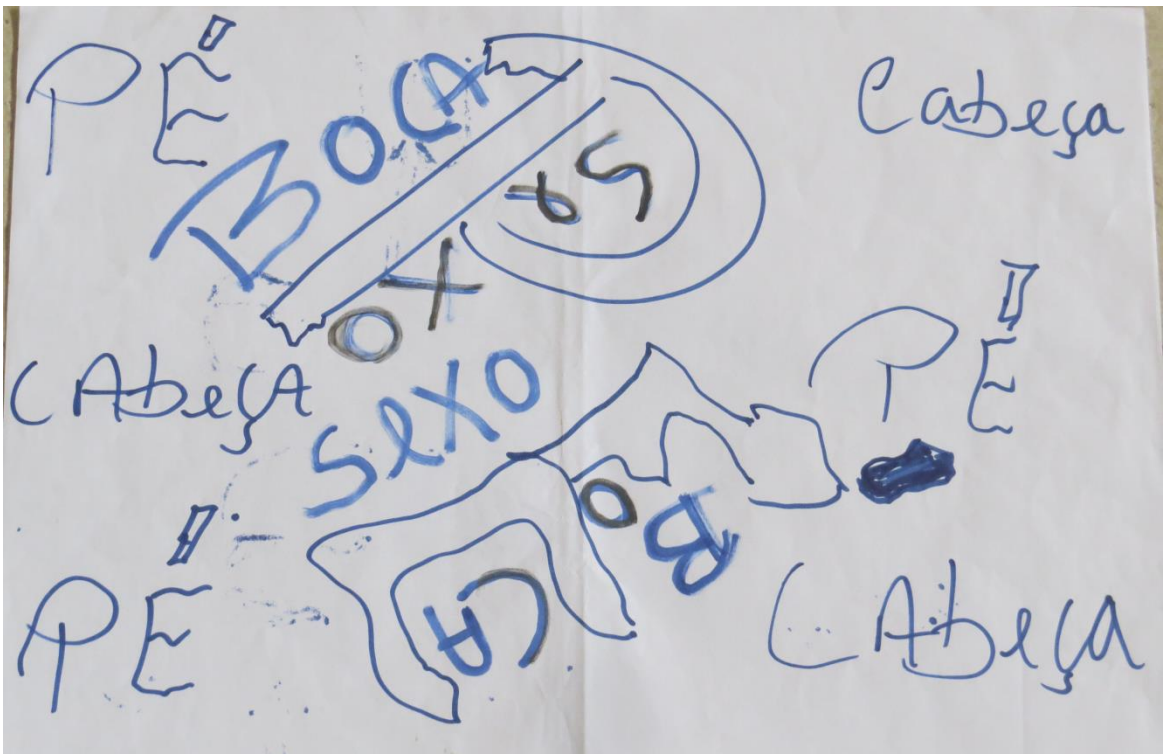
CRUZ CRETA



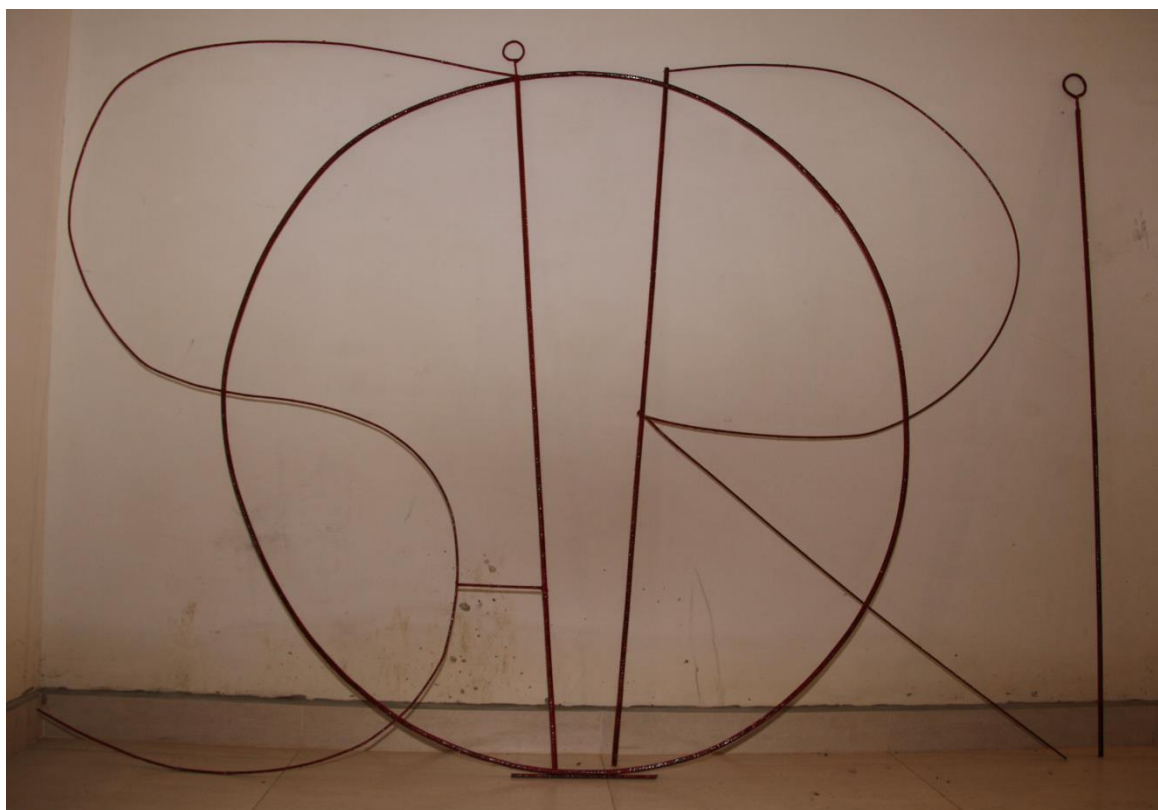
Exu garfo e faca



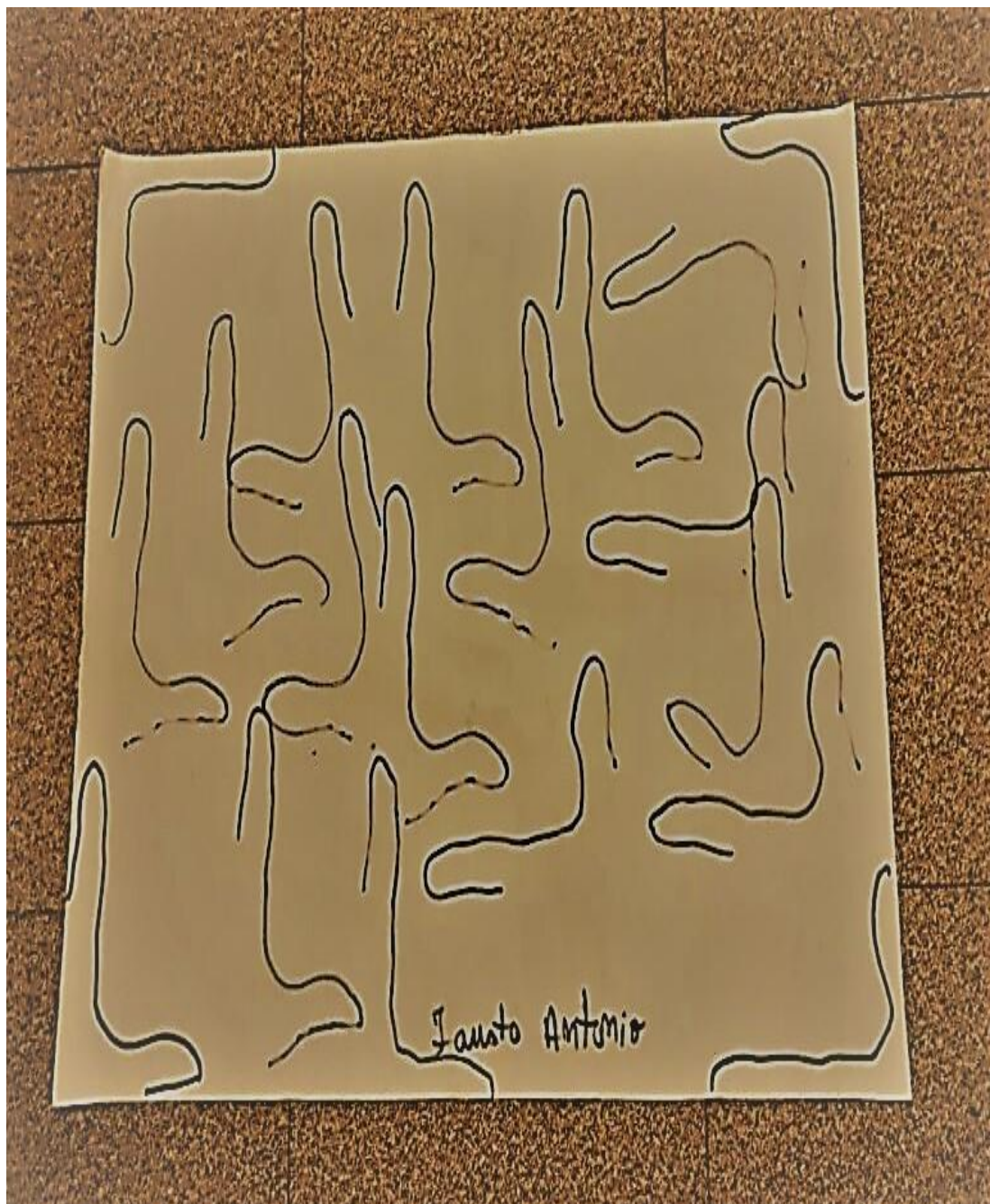
Pé cabeça pé X Cabeça pé cabeça



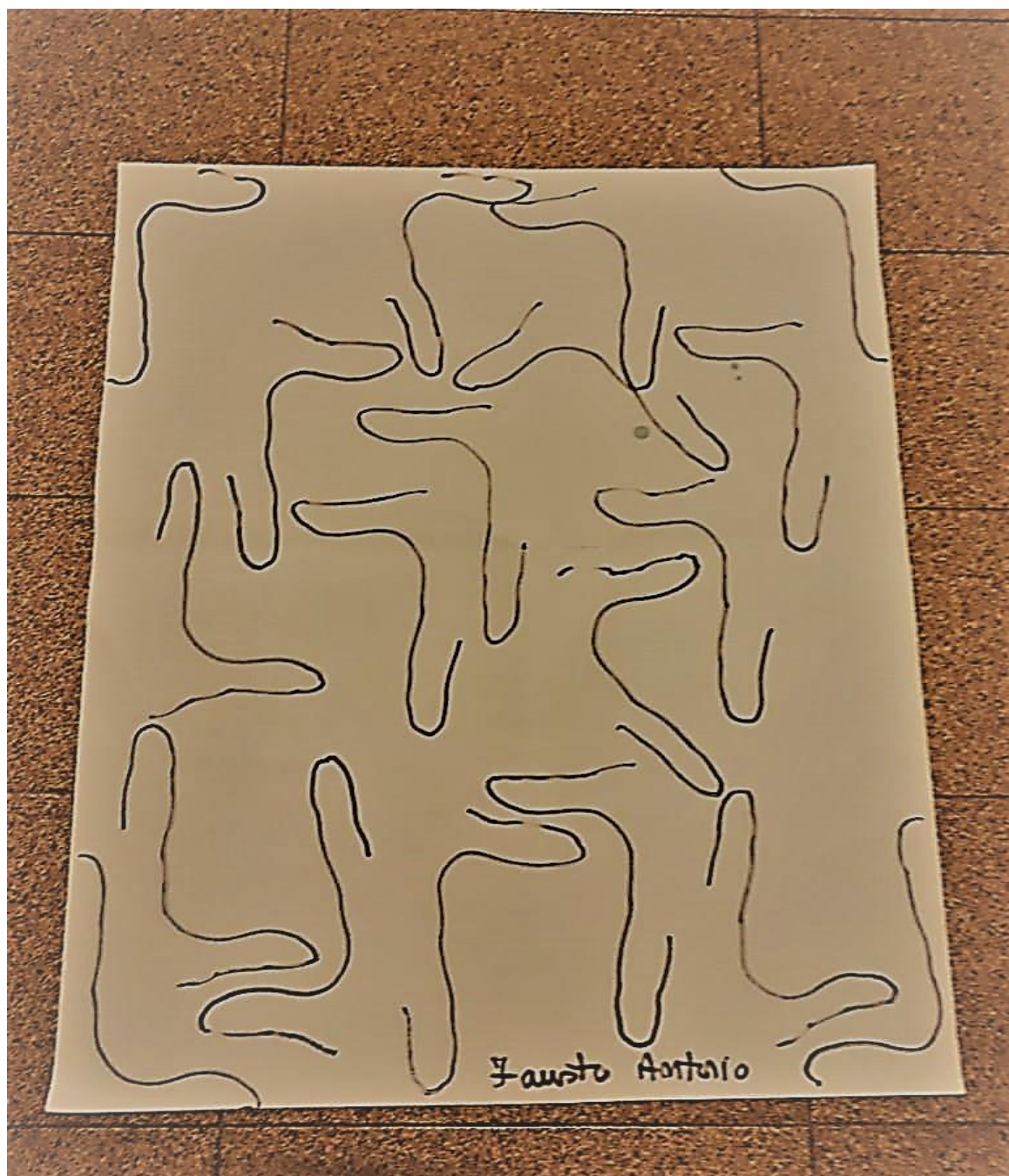
O segundo módulo, na materialização visual de um portal, será inaugurado pelo poema SI ORI.



Moldura internalizada 1



Moldura internalizada 11



Mito

Mi⊕O
BRANCO SÃO ELES
Mi⊕O SÃO ELAS
MIA MÊ ASSUNÇÃO
DELES BRANCOS
Mi⊕O de Mi⊕O
ASSUNÇÃO do
Favoto Antonio MICO

O terceiro módulo, denominado Meta Concreta, receberá os poemas apresentados abaixo e acompanhados de textos teóricos alusivos ao complexo semântico e estrutural como conjunto indissociável.

**MAIS -VALIA
LIA
CIA**

**NOME
FOME**

**CAPITAL
ISMO**

O poema espelho reflete, a partir da lei de causa e efeito, uma imagem invertida, crítica e propõe uma rima imagística que não fica apenas na terminação ou na coincidência sonora. O poema espelho reflete imagens-ideias. Mais-valia, no espelho invertido, deriva Lia e Cia, a palavra, ou melhor, a causa espelha/reflete e se explica na imagem imediata e no som feito eco-espelho-sonoro. Palavra puxa palavra, puxa imagem-som, em síntese, o todo. Construído num extremo, o poema causa/efeito deve ser lido nos vazios: esquerda/direita e parte superior e inferior. Esse poema pode ser desmontado, nesse exercício, descobre-se a polivalência das palavras, basta para isso apenas inverter as suas posições no espaço em branco, o que era efeito passará, então, a ser causa.

**CRIADOR
NASCEDOR
FINGIDOR
SENTIDOR
MORREDOR
CRIADOR**

O poema, a exemplo de uma encruzilhada, apresenta um lugar comum das ou as consequências da dialética semântico-visual “cria + dor”. Este pequeno jogo repetitivo e circular vai num crescendo apresentando novas significações, mas todas recaem na metáfora chave. O enunciado, por si só carregado de significação, não é sujeito a uma exposição discursiva, mas presentificado através das combinações de composição por justaposição num crescendo visual. O poema visual pode ser lido de cima para baixo ou vice-versa. Há, além do eixo estrutural, um eixo semântico muito bem articulado, ou seja, “cria + dor” e os outros processos de composição por justaposição remetem-nos para a problemática criador-criação, morte-vida, num círculo ininterrupto, no entanto, fechado.

BRANCOS BANCOS
BANCOS BRANCOS
BANCOS SO BRANCOS
BRANCOS I BRANCOS
BRANCOS BRANCOS
BANCOS SEM BANTOS
BRANCO SO BRANCOS

O poema impessoal passa a ter deliberada função coletiva e, no campo estritamente visual, discute “o branco e o negro” em “preto e branco”. Poema palavra-cruzada, poema propaganda ou antipropaganda, na sua composição - estrutura, os substantivos são predominantes e sustentam um ponto de vista com apoio sonoro e visual_a ênfase recai, no poema estrutura, na ideia “brancos e bancos”. O elemento fonético auxilia a criação de relações entre as palavras, funcionando como fator de proximidade e semelhança para um todo visual, estabelecendo uma espécie de corrente ou elo que atrai e repele palavras, repele mais ou menos na medida em que aproxima ou reforça a ideia-resposta que aparece cruzada na vertical. O elo “brancos bancos” repele ou é o polo negativo da resposta “bancos sem bantos”, repele, é claro, sonoramente, no entanto, é a própria explicitação do problema dado entre “brancos e negros”. A pretensão do poema-estrutura é associar formas, as ideias são as formas. De outra parte, os procedimentos formais “externos”, apoiados na repetição, implicam em outros, internos, também repetitivos, tais como: rimas internas, assonâncias (Brancos bancos), aliterações (brancos bancos), sugestões simultâneas de leitura também na vertical, além da predominância estatístico visual de certas letras_como as letras /o/ os/ e /Br/.

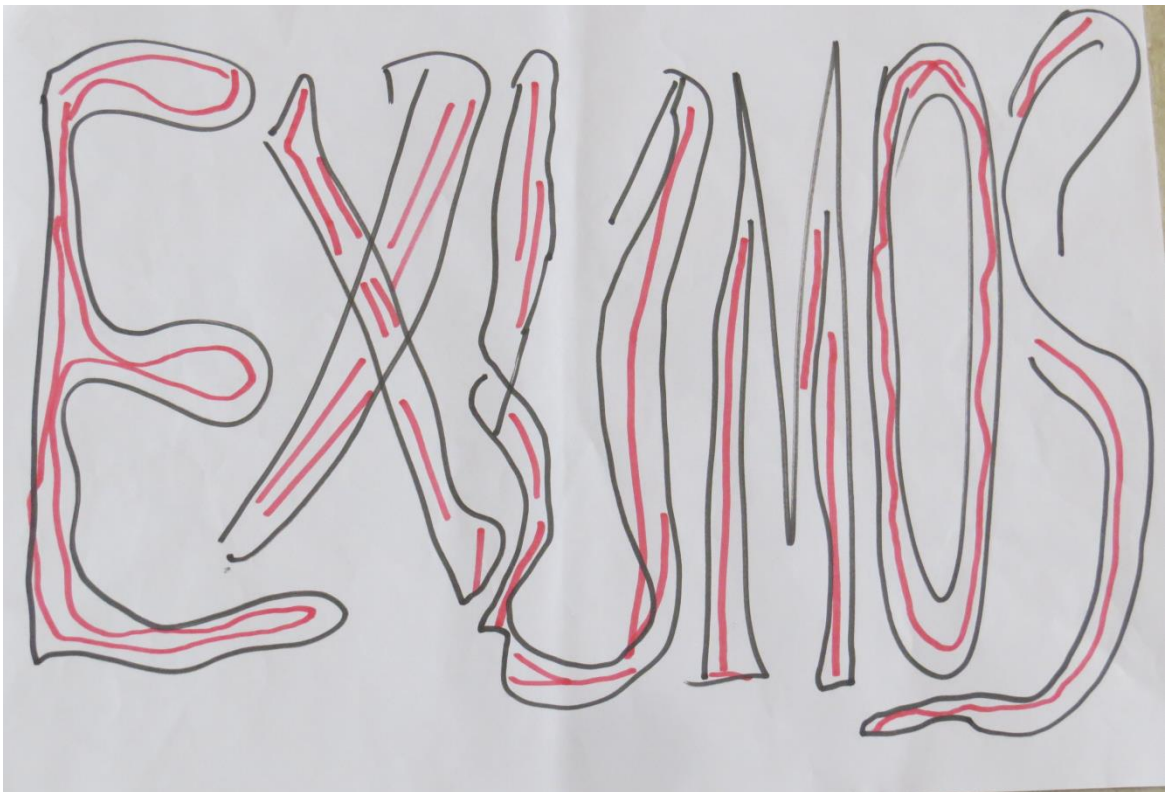
**NO PÁBULO
PATÍBULO PROFANO
PABUTIBULAMOS
HALOS E FALOS**

Esse poema constrói e expressa a dimensão semântica das palavras num círculo vicioso de proximidade sonora. O verbo “pabutibulamos”, elemento no qual os outros desembocam, é, por sua vez, um verbo artificialmente montado, imbricando as ideias de pábulo e patíbulo. “Pabutibulamos” é, por isso, a soma de pábulo e patíbulo. Esse imbricamento, vale aqui a ênfase, não se dá no plano denotativo, mas sim conotativo. Há, nesse processo de contração morfológica, uma ampliação semântica. A contração de pábulo, substantivo, mais patíbulo, também substantivo, e a diluição do adjetivo profano criam, no espaço gráfico, o verbo “pabutibulamos”, que é um verbo solução. Ressalta-se o resultado ou a solução que aparece antes de conhecermos o “problema ou problemas”: Halos e Falos, palavras aparentemente antagônicas, isto é, luminosidade e fecundidade (masculinidade) respectivamente, que materializam a crise criada por palavras-problemas que, no entanto, já aparecem pré-resolvidas por um verbo liberador-desinibidor. Na estrutura visual a liberação é o resultado da contração e da diluição das palavras que reprimiriam semanticamente Halos e Falos.

A quarta parte da organização expositiva, estribada na mesma concordância imagética e no suporte livresco, terá orikis, pichações, grafites, estandartes, máscaras, soneto estrutura, vocalizações e sonorizações poéticas. Seguem alguns exemplares aqui.

Jogo de suportes: Livro e grafite

EXUMOS



Pichação

**O DIABO DISSE
A DEUS GARFO
A DEUS TUDO
ADEUS NADA**

Soneto Adjetiverbial, poema estrutura, cortina

Meio torto

Meia torta

Meio limbo

Meia língua

Meio porco

Meia porca

Meio volvo

Meia vulva

Meio tinto

Meia tinta

Meio lábio

Meia lábia

Meio fala

Meia fala

Poema espelho ou projeção

FALO OVA

SOL

VULVA OVA

SAL

Poema máscara 1 suporte mural

VOLVO
CONVULSO
A VULVA
REVOLVO
A VULVA
DISVOLVO
A VULVA
TRANSVOLVO
A VULVA
CONVOLVO
A VULVA
INVOLVO
A VULVA
VOLVO

Poema máscara II suporte escada

VOLVO

SÍBIAS

UVAS

REVOLVO

PELOS

RELOS

DISVOLVO

ÉGUAS

LÍQUIDAS

TRANSVOLVO

CÍNTIAS

LOUCAS

CONVOLVO

RÍTIAS

CRINAS

INVOLVO

SALAMANDRAS

RÚBIAS

VOLVO

RÚTILAS

VULVAS

Volvo

a

Vulva

O inverso negro

A pedra Cabral, nas águas escuras e barrentas;
discurso anterior à linguagem, oraliza-se no deserto
de imagens. Ali, o poeta pensa as palavras
sem precisar dizê-las, amplia o repertório
sem expressá-las. É possível, no entanto, puxá-las
‘no reflexo do pré-parto; no caráter múltiplo do léxico
‘que retorna ao ovo no qual a pedra, silêncio anterior,
não pode ser evidenciada nas águas que lambem o sexo
‘e atijam o labirinto escuro da pedra-ovo, que devora o início e o fim.

Aqui, no inverso negro, a pedra é mole e lembra
o fruto, e antes a semente com dentes que abstraem
as vozes, e a vocalização é a verbalização densa
da gramática, e suga a terra e o que vier no limbo
revestido num profundo que rasga os pulmões. E ora
negra ou barrenta, a pedra; água uterina, tem um lençol
imenso de água subterrânea que alaga a alma.

A pedra aqui lembra o útero negro que é a cor
dessa diáspora de pedra, garrafa negra; limbo duro
na boca de pedra escura e barrenta que, ante o dilúvio
de pedras-líquidas, recolhe as sementes; gentes
germinadas de pedras, germinadas no escuro
onde tudo é pedra, útero, voz, imagem, fome e pedra.
O primeiro nome, o primeiro homem; o início e o fim,
cinzas; sangue da pedra eterna antevista pelo sono
da tua pedra, Alter do Chão; nosso ego,
como tudo; profundo, feito pedra, na água-útero.

Aqui, as bocas são trituradas por dentes
e línguas que repuxam, lua antiga; as pedras
que são nomes, bafo dos anjos; a mão de Deus
que dá a vida e retira quando o sopro, pelas narinas,
é tomado pelo líquido que, além da superfície, é chumbo
e mata. E a pedra encanta os altares nos choros;
na lágrima e no túmulo, Alter Ego da pedra entreaberta e fechada.

A voz apreendida do Recôncavo

A voz apreendida do Recôncavo,
corpo e sombra da negrura,
cuja boca arrebatou, sob muitas mãos,
um luar que se levanta, anuncia um verso.
Mas para enunciá-lo necessita dessa melodia,
de suas veias, de seus cabelos e dos ossos
desse corpo negro, que dissolve a ilusão do branco.
No Recôncavo, palavra salgada pelo corpo
de tantas danças, existe um rosto enterrado
nas escarpas e as águas, em estamparias,
lambem o adeus, enquanto o Deus de cada um,
no ouvir e falar pelo olhar, se recolhe
nas águas mansas de Todos os - Santos.

O Fruto Proibido

O fruto proibido pode pelo medo,
como fruto pelo não
O fruto proibido pode pelo sim,
como fruto pelo meio
O fruto proibido pode pelo não,
como fruto pelo risco
Como o pão pela mão
Como o pelo pelo liso
Pelo apelo desse visgo.

O fruto proibido, pelo aviso dele,
é sim pelo corpo e não
pelo outro fruto proibido pelo medo
Como o fruto pelo risco
Como o pão pela mão
Como pelo pelo liso pelo
apelo desse visgo.

O fruto proibido pelo medo é o próprio medo
A boca proibida pela boca é a própria boca
Como o fruto pelo risco
Como o pão pela mão
Como pelo pelo liso pelo pelo apelo desse visgo.

O sexo proibido pelo sexo é o próprio sexo
Réplica da própria réplica
Como o fruto pelo risco
Como o pão pela mão
Como pelo pelo liso pelo
pelo apelo desse visgo.

O sexo proibido pelo sexo é o próprio sexo

Réplica da própria réplica
Como o fruto pelo risco
Como o pão pela mão
Como pelo pelo liso pelo
pelo apelo desse visgo.

A réplica Eva é a própria réplica Adão
Réplica do mesmo sexo, mito do próprio mito proibido
Como o fruto pelo risco
Como o pão pela mão
Como pelo pelo liso pelo
pelo apelo desse visgo.

O mito Eva é o próprio mito Adão
O fim e o próprio sim
Fruto proibido do próprio fruto
Como o fruto pelo risco
Como o pão pela mão
Como pelo pelo liso pelo
pelo apelo desse visgo.

13 Palmares Zumbindo

13 bocas nas esquinas
13 línguas em chamas
13 espadas luzindo
13 Palmares Zumbindo

13 Exumos em ação
13 negros – não
13 línguas encruzilhadas
13 fomes saciadas

13 pais e mães escurecidos
13 filhos e netos parecidos
13 vezes libertados

13 boca incendiadas pelo riso
13 giros e 13 vitórias ao não dito
13 e 13 vezes o ele-não encruzilhado

Assomada

I

Assomada, voz interna de novos contornos,
nas bocas negras, revela o fundo imóvel das águas
que tocam a alma e os ossos.

Nela, uma mão flutua pedaços do escuro.

Outra, subverte numa linha o jogo
e apresenta o negro-azul da
marinha numa escharpa de peixes e
sina.

Vara mágica que empurra a
orla, espreme o maciço como
cana,

que os olhos derretem aos ventos do
Saara, que diz que a África chega aqui
escura como alma empilhada de
penhascos, saudades pontiagudas e
assomadas.

II

A palavra assomada,
na ilha de Santiago, tem várias bocas
de pedras achatadas e pontiagudas,
mulheres que, nas feiras, com as crianças
às costas; vergam o corpo como aquelas viagens
de Praia a Tarrafal.

Morna coladeira repetida pelo canto;
batuque das nossas almas empilhadas
em penhascos e saudades.

Voz assomada, presa na memória Tarrafal,
história batucada da nossa África,
abraço e entrelaço de Cabo Verde, que é negro.

O HALO NEGRO

**EXUMOS, ENTRE VENTRES,
A VEIA NEGRA, SOMOS LÁBIA
SOMOS SUMOS LÍQUIDO
SUMOS EXUMOS DE LÌNGUA
SUMARENTOS SINOS DE LÁBIA
SUNTOOSOS RITOS DE LÁBIOS
ENTRE DENTES, O VEIO NEGRO,
ENCRUZILHADAS LÍNGUAS
EM CRUZ ILHAS DE MITOS
LÍNGUAS BOCAS NOS HUMUS
LIMBOS DE PEDRAS NOS RITOS
ESTRIDENTES, O HALO NEGRO,
EXUMOS EXÍMIOS NOS VOOS
DE ASSENTADOS TAMBORES DE BOCAS**

Oriquissonância

Sua pessoa não sua

Sua pessoa soa

sopro

fogo

eterno

Sua pessoa

sua

pessoa, eterna,

soa

Sua

Pessoa sua

morre

Não sua pessoa

Sua pessoa soa

Eternamente

Eterna Mente

Sua

Soa

Edição produzida por
Jardel Dias Cavalcanti
para Galileu Edições
Londrina, primavera de 2019.

Esta plaquete foi impressa na *Macprint Gráfica*
Rua Alagoas, 1065. Centro – Londrina - PR
atendimento@macprint.com.br
Tel./WhatsApp - 43 3029-8859

Mi(+)O

BRANCO SÃO ELES

Mi(+)O SÃO ELAS

MIA M(+) ASSUNÇÃO

DELES BRANCOS

Mi(+)O de Mi(+)O

ASSUNÇÃO do

Jausto Antonio

MICO